

Bosch Gimpera

Saudação proferida pelo Director da Faculdade de Letras de Lisboa, Doutor Manuel Heleno, no início da conferência que na mesma Faculdade foi pronunciada, no dia 22 de Março de 1961, pelo Prof. Bosch Gimpera.

Temos hoje a honra de ter entre nós o Prof. Bosch Gimpera.

Não venho fazer a sua apresentação. Todos aqueles que cultivam, se interessam ou aprendem Pré-História têm convivido, através dos seus notáveis trabalhos, com esse eminente cientista e sabem que foi ele que arrancou na Hispânia essa ciência da sua fase narrativa e de interpretação unilinear para abrir o seu período de compreensão cultural e etnológica e o do estudo das interferências dos seus círculos culturais; sabem que foram os seus trabalhos que conduziram durante muitos anos o movimento arqueológico peninsular e que passadas quatro décadas as revisões tentadas não destruíram a essência das suas sistematizações.

Não é pois uma apresentação, mas uma saudação que lhe quero fazer em nome dos professores e alunos desta casa.

E faço-a com emoção lembrando-me que foi no desejo de verificar a validade das suas reconstruções no território português que iniciei as minhas investigações e que a sua *Arqueologia pré-romana hispânica*, apenas à tradução da *Hispania*, de Schulten, e o *Ensayo de una reconstituicion de la Etnologia pre-historica de la peninsula iberica* foram o breviário que me acompanhou nos dez anos de andanças pelo Alentejo em escavações de antas e castros; e faço-o recordando-me que foi com o ensino de Leite de Vasconcellos, com as ideias do conferente, com as sugestões de Obermaier

e por último com a colheita da experiência de Breuil que eu fiz a minha aprendizagem.

*

Foi no ambiente de Berlim onde esteve primeiro a especializar-se em Filologia Clássica e depois em assuntos arqueológicos, a seguir ao seu doutoramento em História, que Bosch Gimpera fez, em contacto com a escola de Kossina e dos seus opositores Schuchhardt, Meyer e Schmith, a sua formação. E a sua garra e o fruto do seu labor revelam-se já nesses verdes anos na sua dissertação sobre *El problema de la ceramica iberica*, onde são revistas as conclusões de P. Paris à luz de novos materiais, postas de lado as influências micénicas e fixada uma cronologia aceitável.

A guerra de 1914 obriga-o a voltar a Barcelona, onde logo inicia escavações nos povoados ibéricos do Baixo Aragão e regiões limítrofes por conta do Instituto de Estudos Catalães.

Em 1916 é nomeado, mediante concurso, professor da Universidade de Barcelona, onde passa a reger a cadeira de Pré-História e História Antiga, de que organiza o respectivo Seminário.

Começa então o seu mais fecundo labor, revelando no Museu de Barcelona, de que depois foi Director, o seu poder de organização e nos seus trabalhos *Pre-historia catalana*, e *La Arqueologia pre-romana hispanica*, uma notável capacidade de síntese.

Mas é em 1921 e 1922 que se afirma mais a sua originalidade. Com base nas fontes literárias, cuja publicação inicia com Schulten (*Fontes Hispaniae Antiquae*) e com os dados da Arqueologia enfrenta os delicados problemas etnológicos da nossa península em obras cheias de novidade como o já citado *Ensayo de una reconstruccion de la Etnologia pre-historica de la peninsula iberica*, *Los celtas y la civilization celtica en la peninsula iberica*, etc.

Era o ponto de partida para outros trabalhos mais especializados, como *La pre-historia dos iberos y la etnologia vasca*, e *Two celtic waves in Spain*; era o ponto de partida para a redacção das suas obras máximas, tal como a *Etnologia de la peninsula iberica*, *La formacion le los pueblos de España* e a cúpula das suas sínteses *El problema indo-europeu*, que tanta influência exerceram em Portugal.

*

Desde 1913, data do seu estudo sobre *El problema de la propagacion de la escritura en Europa y nos signos alfabéticos de los dólmenes de Alvão* até às suas últimas publicações encontramos postos muitas vezes pelo prof. Bosch Gimpera os problemas das origens do povo português e da individualidade das nossas culturas pré-históricas, em especial a dos dolmens e a castreja.

E se os dados colhidos por nós nas estações de Rio Maior e Cambelas diminuem a importância do elemento capsense a favor duma maior contribuição europeia, ao contrário as explorações realizadas pelo Museu Etnológico nos concelhos de Montemor-o-Novo, Coruche, Arraiolos e Estremoz apoiam a penetrante visão do Prof. Bosch Gimpera, ao colocar no nosso país um centro de criação e de desenvolvimento e propagação dolménica. Poder-se-á aqui e ali divergir da linha evolutiva que apresenta, alargá-la com a fase primitiva que revelamos, mas não se pode pôr em dúvida a sua existência, documentada pela arquitectura e pelos espólios e comprovada estrategicamente pelas grutas de Rio Maior.

A ideia de pequenas colonizações nas embocaduras do Tejo e Sado portadoras de megálitos orientais depois barbarizados pelos indígenas, tanto do agrado dos arqueólogos ingleses e tão precipitadamente aceite por muitos pré-historiadores hispânicos, não encontra nenhuma base segura em que se possa firmar e antes é contraditada pelos factos.

Mas sobre isto vamos ouvir um mestre, chefe duma escola a que muitos de nós estamos ligados.

Para ele vão desde já os nossos agradecimentos pela lição que nos vai dar.

